



Universidade Federal Fluminense

ESCOLA DE ENFERMAGEM  
AURORA DE AFONSO COSTA



Artigos Originais

## O cuidar sociopoético com os sujeitos de pesquisa - na memória fica o que significa

Vera Sobral<sup>2</sup>, Fátima Silveira<sup>1</sup>, Claudia Tavares<sup>2</sup>, Iraci dos Santos<sup>2</sup>, Ademilda Garcia<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Paraíba State University

<sup>2</sup> Fluminense Federal University

### RESUMO.

É possível acolher os sujeitos da pesquisa durante a própria pesquisa? Defendemos que a memória tem uma dimensão política consubstanciada na possibilidade de dar voz às pessoas que viveram o cotidiano dos fatos e acontecimentos possibilitando soldar o coletivo. Portanto, discutimos a visibilidade da memória coletiva do grupo pesquisador como estratégia do cuidar em pesquisa, através do mural da memória. A sociopoética foi desenvolvida com enfermeiras da Paraíba, em 2000. Os resultados mostram a pertinência do método facilitando o cuidar em pesquisa, no mural da memória como resposta do incentivo à auto-estima das enfermeiras e no entendimento da construção coletiva do conhecimento. Concluiu-se que as oficinas de sensibilidade, criatividade e expressividade são dispositivos que proporcionam o acolhimento e a livre expressão do grupo quanto à: percepções, sentimentos, experiências, encontro com colegas, desafios propostos e necessidade de reproduzir o vivido no cotidiano.

**Descritores:** Cuidar em pesquisa; Sociopoética; Memória coletiva.

## INTRODUÇÃO

Descrevemos a “estória” da implementação de oficinas de sensibilidade, criatividade e expressividade como técnica de pesquisa, desenvolvida para participantes de Curso de Extensão, mostrando sua performance na construção da identidade de um grupo pesquisador. Nos alicerçamos na crença teórica: O conceito de memória tem uma dimensão política consubstanciada na possibilidade de dar voz às pessoas que viveram o cotidiano dos fatos e acontecimentos possibilitando soldar o coletivo construindo a memória do grupo. Assim, partindo do desconforto ético provocado pelos usos unilaterais com os sujeitos de pesquisa, questionamos:- Que contribuição recebe um sujeito de pesquisa? É possível cuidar dos sujeitos das nossas pesquisas?

Experiências em discutir temas, trabalhar situações com grupos e/ou produzir conhecimento demonstram que o método do grupo pesquisador tornou-se uma pedagogia democrática de múltiplos usos e finalidades, inclusive, o cuidar dos sujeitos da pesquisa através da construção e visibilidade da memória coletiva. Este método é a alma da abordagem sociopoética construída nos últimos oito anos, em enfermagem e educação por Gauthier; Santos, 1994, 95, 96, 98. 99, ao idealizarem o pesquisar como exercício coletivo e democrático que promove o encontro da arte com a ciência. Eles acreditam que a liberdade é premissa de vida, a cultura é o dote plural a ser preservado e socializado prospectivamente e que o sonho é para ser sonhado e perseguido. A sociopoética com seu tropismo por práticas sociais e profissionais nos ensina a pesquisar coletivamente buscando entender o cotidiano das relações e que ao compartilhar a pesquisa com os sujeitos desta, construímos coletivamente o conhecimento.

Segundo Gauthier, 1999, o grupo pesquisador pratica uma elaboração cooperativa “com a participação ativa e dialógica de todos os participantes da pesquisa, co-pesquisadores, a crítica, não apenas do concebido, mas também do percebido e do vivido – o que não se pode fazer sem mobilizar afetos”. É o grupo pesquisador quem atribui significados aos dados que ele mesmo produziu (Santos et al., 2002). Na sociopoética consideramos o grupo pesquisador como um *coletivo inteligente* (Pierre, 1999) que expressa sem perceber uma filosofia complexa, que tem memória e faz história.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual e coletiva. Memória é a própria preservação da identidade coletiva e, ao mesmo tempo, instrumento e objeto de poder. Toda memória é, num momento subsequente, história. Sua temporalidade rompe com o tempo linear para alcançar o tempo social - a lembrança é a recordação do vivido. É também um tempo revivido que tem seu momento fundamental na consciência do singular. Não é um fenômeno que se esgota no indivíduo ou que tem lugar no vazio social. A lembrança surge num contexto preciso, na relativa estabilidade de uma situação que desenvolve a vida do sujeito. A memória é seletiva, opera com o passado olhando para o futuro, dota a sociedade (incluindo aqui os grupos sociais) de coesão, conferindo-lhe sentido e deve ter visibilidade pública - os “lugares de memória” (Le Goff, 1998).

A memória é vida, sempre experimentada por grupos vivos, evolui permanentemente, aberta à lembrança e à amnésia, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável às utilizações e manipulações, suscetível a longas latências e a revitalizações repentinas. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido com o presente eterno. É afetiva e mágica e se acomoda por detalhes que a confortam; nutre-

se de lembranças fluidas, que se interpenetram, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas. A memória é sensível às transferências, filtros, censuras ou projeções. Instala a lembrança no sagrado e surge de um coletivo que ela mesma solda, significando o haver tantas memórias quanto grupos; o ser, por *natureza* múltipla e multiplicada, coletiva, plural e individualizada. Ela se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto e, por isso, a memória é absoluta, enquanto a história é relativa (Le Goff, 1998). Portanto, nosso objetivo neste trabalho é discutir a visibilidade da memória coletiva do grupo pesquisador como uma estratégia do *cuidar em pesquisa*.

## **METODOLOGIA**

Para a produção dos dados utilizou-se a sociopoética, o método do grupo pesquisador e a técnica de oficinas de sensibilidade, em seus conceitos de atitude de pesquisar, educar e cuidar, abertura ao inesperado, amplo caminho para se realizar o sonho da construção coletiva do conhecimento (Gauthier, 1999). A investigação se insere na crença de que os saberes populares atuam na prática do cotidiano, sendo a própria prática que gera os sujeitos e os objetos de saber, e constrói a realidade (Santos; Gauthier, 1999). Foram sujeitos, 13 enfermeiras entre as quais, três facilitadoras de pesquisa (pesquisadoras oficiais), que prestam assistência a mulheres em Campina Grande -Pb, em abril de 2000. Atendendo à Resolução 196/96, o grupo pesquisador foi convidado e aceitou espontaneamente participar das atividades da oficina que foi planejada e desenvolvida com estratégia de Curso de Extensão com 20 h, num ambiente de acolhimento e prazer (Silveira; Sobral, 2000 e Santos, 2003 ).

Foram variáveis do estudo:

acondicionamento do campo de pesquisa com a disposição de colchonetes cobertos, ventiladores, flores, alimentos (frutas, doces, salgados) e bebidas (água, chá, sucos, café) para degustação coletiva; música ambiental apropriada às dinâmicas de apresentação do grupo e de relaxamento e intervalos; ressalte-se que os relaxamentos na sociopoética conduzem à integração dos participantes através do aconchego e acolhimento de si e facilita a evocação de imagens subconscientes (Gauthier, 1999). Para produção da memória utilizou-se o diário de campo e a fotografia que subsidiaram a construção do mural da memória. Aqui analisaremos a produção escrita desde a performance do grupo pesquisador e a interpretaremos a luz do pensamento de (Ricoeur,1988), buscando a transversalidade contida nas relações entre memória coletiva e relato poético na configuração da identidade coletiva.

## **RESULTADOS**

A história alerta para nossa necessidade de reconstruir o passado, buscar nossa própria constituição, reencontrar origens, perceber a criação dos mitos como uma particular condensação da identidade, daí porque os celebramos com festas e discursos. Nesta pesquisa a possibilidade de celebração como forma de acolhida e cuidado foi a criação do mural da memória, dispositivo que funcionou como espaço marcante no ambiente do grupo pesquisador, onde ficaram registrados discurso, fotos ou fragmentos do composto e construído pelo grupo num momento/dia anterior os quais foram por nós recolhidos. A palavra é material privilegiado da comunicação, porque tem a capacidade de transformar o mundo em algo interessante e ao poder expressá-lo também

é o limite do mundo. A palavra produz efeitos, particularmente, subjetivos, o que desemboca na idéia de ação e transforma a linguagem, que é pública, em representação. Da produção do grupo descrevemos as categorias temáticas: No pesquisar um lugar de encontro, Tempo útil para um cuidado sensível e Criando coletivamente.

No pesquisar, um **LUGAR DE ENCONTRO**

“Pesquisar... um momento de se encontrar... Colegas! Há quanto tempo... um medo de aqui entrar... Medo passado ao sentir que somos apenas...Mulheres cuidando de mulheres”.

A compreensão da oficina/Curso como um *lugar de encontro* onde *todas são iguais* dá ao grupo a dimensão da acolhida. São singularidades e gestos nos quais se concretiza a negociação da parceira da pesquisa, sujeito de um espaço privilegiado onde o pensamento da subjetivação se faz presente. Ao usar a palavra percebe-se seu significado, pois o uso cauciona o sentido da linguagem; ela é performática, capaz de alterar coisas ou estado de coisas. Podem existir outros mundos não traduzidos pela linguagem, porém eles são desinteressantes e triviais. Linguagem é ação e tem força performativa. Sua força está no contexto no qual é dito. A palavra como lugar de memória traz a marca de identidade de um grupo social. Ela é um lugar de memória. Há sob ela um sistema de instituições que a legitima através do uso que faz da técnica, da disciplina, do registro e do ensino e que tem na Universidade pois, aí a palavra se faz ciência e objeto de saber.

*Tempo útil para um cuidado sensível*

“Um viver dos pacientes que não entendemos...premidos pelo tempo de tudo entender ao mesmo tempo...Nos en-

tender e ao cliente... precisa um tempo...Que nunca temos?...Tempo de prazer de se atrasar ao menos....15 minutos dos quais.... precisamos de tempo.... minutos de auto-reflexão, de devaneio... Talvez para melhor pensar e intuir uma forma.....um meio... um como fazer para do cliente cuidar”. Grupo pesquisador.

A *naturalização* que determinados procedimentos disciplinares temporais assumiram na sociedade atual está presente em relação à valorização do tempo útil, da produção, do futuro como horizonte de expectativa do progresso linear e cumulativo. Aliada a tais representações, muitos sujeitos de pesquisas convivem com poucas oportunidades de reflexões para a compreensão histórica de sua realidade. A pesquisa pode superar a subjugação normativa temporal, através da busca coletiva, do tempo da experiência, do tempo subjetivo, vivo e criativo, superando as restrições e tornando o espaço da pesquisa naquele que se coloca para um tempo de troca.

O mural da memória costura essa possibilidade dando vida ao que está sendo vivido em grupo, por cada um de nós. Ele revitaliza a performance do “inda agora” permitindo ao grupo re-ver o dito e o não-dito presente na memória visível facilitando a integração e possibilitando a polêmica desencadeada por compreensões/visões de mundo diferentes: o que foi dito/vivido “inda agora” (ou ontem) reaparece no mural e pode ajudar a instruir a dinâmica do dia. E ainda o mural da memória como via de mão dupla onde o grupo pesquisador traz mensagens onde expressa o significado daquela atividade para seus membros. O encontro de acolhimento e cui-

dado despertou a sensibilidade para se CRIAR COLETIVAMENTE:

“Criando e escrevendo a muitas mãos, neste tempo presente...Sentindo o cheiro de flores...aqui ficando, ... bebendo suco de frutas e flores... coletivamente criando...acolhida de outras possibilidades de compreender a vida... Uma experiência que só pode ser vivida com sensibilidade, imaginação criativa, cuidando de gente, cuidando para a vida”

O estudo sociopoético revela histórias impregnadas de cultura, religiosidade, sexualidade, sentimentos e formas/estratégias de se interagir/agir com o mundo. Histórias que revelam o nosso passado e que compõem, como uma colcha de retalhos, o nosso presente. Histórias de vidas e de relações. Histórias singulares de injustiças e sofrimentos, mas também de desejos e de busca de felicidade. Histórias de um povo solidário, de enfermeiras que cuidam, mas também querem ser cuidadas. Histórias da nossa identidade cultural. Para nós, mulheres brasileiras, trabalhadoras, filhas, mães, amantes - e apaixonadas pela vida - esse olhar sócio-poético é fundamental. Porque permite reescrever papéis femininos numa linguagem distante do preconceito e do estereótipo, pegando a trilha da singularidade onde a igualdade faz parceria com aquilo que é diferente conforme se expressou o grupo pesquisador: “O que hoje apreendi aqui quero recriar ali”.

Feita de lembrança e esquecimento a memória é afetiva e comporta perfumes, cores, sons, sabores, luzes, lugares, paisagens, pessoas, movimentos...Quando evocada por uma experiência sensível e criativa numa proposta plural e compartilhada ela flui e se fixa

afetivamente naquilo que tem significado para o grupo. E parece ter gosto de “quero mais...”

## CONCLUSÃO

A repercussão do trabalho no grupo superou as expectativas mais otimistas.

O mural da memória é impactante porque primeiro traz a surpresa e depois cria a expectativa no grupo sobre o que virá amanhã?

Os sujeitos da pesquisa sentem-se acolhidos e estimulados a participar de forma mais profícua e produtiva da pesquisa.

No mural da memória o grupo se vê refletido, se sente agraciado quando encontra sua foto e/ou suas palavras, se diverte com o que vê/lê e cada membro vai percebendo, a identidade coletiva que ele vai ajudando a formar. Ele é uma resposta do trabalho realizado e da alta auto - estima grupal, ajudando na compreensão da construção coletiva do conhecimento. Junto com as oficinas de sensibilidade, criatividade e expressividade ele é um dispositivo de acolhimento e cuidado sensível em pesquisa, como quer Santos et al.(2003), e que também proporcionou a oportunidade do grupo expressar-se livremente como percebia/sentia a experiência compartilhada. O mural da memória explicita a frase de LeGoff, (1998) quando diz que na memória *fica o que significa*.

## REFERÊNCIAS

1. Gauthier, Jacques. Uma pesquisa sociopoética: o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área da educação. Florianópolis, UFSC/NUP/CED, 2001. 120p.
2. Gauthier, Jacques; Iraci dos. A Sócio – Poética: fundamentos teóricos, técnicas diferenciadas de pesquisa, vivências. Rio de Janeiro: Departamento de Extensão, UERJ, 1996.

3. LeGoff, J. A história nova. S.P.: Martins Fontes, 1998, 216p..
  4. Levy, Pierre. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. S.P.:Loyola, 1998.
  5. Riccouer, P. O discurso da ação. Lisboa: Edições 70, 1988.
  6. SANTOS, I. dos; FIGUEIREDO, N.; SOBRAL, V.; TAVARES, C. Caring: building na new history of sensibility. Online Brazilian Journal of Nursing (OBJN-ISSN 1676-4285), v.1, n.3, 2002 [Online]. Available from:www.uff.br/nepae/objn103santosietal.htm.
  7. Santos, Iraci dos e Gauthier, Jacques. Enfermagem: análise institucional e sociopoética. Rio de Janeiro: EEAN/UFJRJ, 1999. 210p.
  8. Silveira FA, Sobral VRS, Gualda D. The Dance of Discoveries. Available from: www.ualberta.ca/~ijqm, agosto, 2002.
- 

**Recebido:** 19/05/2003

**Aprovado:**20/07/2003